

# **A Dimensão Quântica do Cotidiano: do desenvolvimento de realidades imaginárias ao envolvimento humano através do amor**

ADILSON MARQUES

Bacharel e licenciado em Geografia, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É professor da Fundação Educacional São Carlos (FESC) e tutor na Universidade Aberta do Brasil (UAB).

## **Resumo**

Este trabalho é um aprofundamento do tema que deu origem à Tese de doutorado “nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui: sociagogia do (re)envolvimento e anima-ção cultural”, defendida em 2003, na Faculdade de Educação da USP. Em 1996, ao notar a relação dialógica entre o envolvimento e o desenvolvimento humano, iniciei uma reflexão sobre a necessidade de valorizar o processo de (re)envolvimento humano a partir de um programa de inter-ação cultural do indivíduo com o outro, com a natureza e com sua própria alma, nascendo, desse processo, a idéia para um programa de anima-ção cultural cujo objetivo seria a realização de um processo metanóico, ou seja, de mudança de sensibilidade ou de imaginário, chamado por mim de Animagogia.

A partir de 2005 me propus a estudar e compreender as Filosofias do Espírito, percorrendo as mais diversas vertentes espiritualistas e também a dimensão filosófica da Física Quântica para aprofundar este meu tema mítico (*themata*). O *paper* “a dimensão quântica do cotidiano: do desenvolvimento de realidades imaginárias ao envolvimento humano através do amor” é o primeiro fruto desse novo ciclo de estudos.

## Introdução

As ciências humanas, sem exceção, constroem seus objetos de estudo baseando-se em um princípio da física newtoniana: a existência de um espaço absoluto e exterior ao ser humano. Não importa se o foco é a Geografia, a Antropologia, a Sociologia ou outra disciplina dessa área do saber científico; em todas elas, o espaço surge como um dado *a priori*. Sem questionamento algum, o espaço que nossa percepção é capaz de criar é considerado como uma realidade auto-evidente.

Apesar de Kant também partir desse pressuposto, não podemos ignorar que na Crítica da Razão Pura ele afirma que: “*as coisas estão no espaço, mas o espaço está dentro de mim.*” Essa frase do filósofo prussiano parece não ter sido muito bem compreendida pelo imaginário do homem Ocidental e, somente agora, no limiar do centenário da Física Quântica, é que estamos conseguindo compreender aquilo que as filosofias perenes do Oriente sempre afirmaram: apesar de parecer um fenômeno *apriori*, o espaço não tem existência como realidade exterior, ele só existe em função do observador. Nesse sentido, Kant não só realizou uma “revolução” no pensamento humano do século XVIII, como também antecipou intuitivamente as recentes descobertas mais radicais da Física contemporânea que estuda as propriedades sub-atômicas da matéria.

Curiosamente, e isso já foi dito no começo do século XX por Heisenberg, o que estes físicos descobriram é que suas pesquisas corroboram com o conhecimento intuitivo próprio das filosofias orientais, como o budismo, o hinduísmo e o taoísmo. Para a Física quântica o mundo material, e com ele o chamado “espaço geográfico”, deixa de ser uma “realidade” objetiva e se assemelha ao conceito de *maya* do hinduísmo, ou seja, a uma ilusão criada pelos sentidos.

Como já salientamos, apesar de quase centenária, a Física Quântica ainda é praticamente desconhecida nas Ciências Humanas, em grande parte dominada por uma corrente de pensadores marxistas, desde a segunda metade do século XX. Possivelmente, este desprezo pela Física Quântica não acontece por ignorância, mas porque o marxismo, desde as primeiras décadas do século XX, pautou-se por um posicionamento ideológico e de ataque às abordagens consideradas “idealistas”.

Porém, quase cem anos depois, foi justamente o marxismo que se mostrou um grande “castelo de areia” e a Física estudada pelos “idealistas” não ressuscitou a “metafísica”, mas destruiu, radical e racionalmente, todos os postulados materialistas de explicação do Universo.

Em suma, onde foi parar o “chão” que acreditávamos existir quando discutimos se uma paisagem é “bela” ou “feia”, “urbana” ou “rural”, de “primeiro” ou de “terceiro” mundo, ecologicamente “equilibrada” ou não? Em suma, ainda é possível dizer que o ser humano organiza, produz ou cria espaços que podem ser chamados de reais? Ou será que todo esforço econômico, político, cultural ou ecológico para desenvolver qualquer espaço geográfico (seja uma cidade, uma região ou um país) não passa de um sonho, do qual um dia iremos acordar e nos aperceber que ele nunca existiu?

O argumento clássico de que o real é tudo aquilo que pode ser sentido, percebido, quantificável ou medido se torna falacioso ou, na linguagem kantiana, uma paralogia com os conhecimentos advindos da Física Quântica.

Se o argumento acima fosse verdadeiro, o sonho deveria ser considerado também algo real, pois, no mesmo, também temos percepções e sensações. Muitas pessoas relatam sonhos nos quais praticam atos sexuais e afirmam terem sentido o toque, o calor, a penetração, o contato com o corpo físico do(a) parceiro(a). Da mesma forma, muitos relatam sonhos onde se encontram

dentro de um carrinho de montanha russa e sentem o vento roçando a face e até um frio no estômago, durante as vertiginosas descidas.

Porém, todos, ao acordarem, se dão conta de estarem sonhando, uma vez que ainda estão em cima de uma cama. Nesse momento passam a acreditar que apenas sonharam e que toda percepção e sensação eram ilusórias ou irreais. Em suma, quem pode nos garantir que as percepções e as sensações que temos no chamado estado de vigília são, realmente, “reais”? Quem pode nos garantir, cientificamente, que o dito estado de vigília não passa de um outro grau ou nível de um sono hipnótico que estamos vivenciando e que o verdadeiro despertar acontecerá com o processo que chamamos, rotineiramente, de morte?

Este processo se torna ainda mais complexo quando observamos as experiências no âmbito da Hipnologia. Aqui temos vários fenômenos empíricos que demonstram como as percepções e as sensações podem ser facilmente alteradas. Uma pessoa facilmente hipnotizada pode enxergar a Xuxa ou qualquer outra personalidade famosa do meio artístico, político ou esportivo se esse comando for dado por um hipnotizador competente. Diante, por exemplo, de um homem gordo e feio, o hipnotizado pode ser induzido a enxergar uma bela e exuberante mulher. E, quando isso acontece, podemos nos perguntar, onde está a imagem da mulher que ele afirma enxergar? No mundo exterior ou dentro de sua mente, armazenada em algum lugar do seu cérebro?

Uma pessoa hipnotizada é capaz também de enxergar todos nus em sua volta e ela inclusive, se for induzida a ter essa percepção visual, e ficar completamente envergonhada se for tímida, levando a platéia ao riso por suas tentativas desesperadas para cobrir sua nudez. Ou pode, no meio de uma rua movimentada, abafada e poluída, acreditar que se encontra diante de uma cachoeira de águas límpidas, rodeada por belas árvores floridas e ser capaz de sentir o ar puro e descrever o aroma agradável daquela paisagem onde acredita estar, além de ver fadas, gnomos e outros seres que o hipnotizador a induzir a enxergar.

Nas rotineiras apresentações e shows de hipnose, com pessoas fortemente sugestionáveis (e que foram, justamente por isso, escolhidas antecipadamente para participar do espetáculo), é comum assistirmos alguém comer cebola enquanto diz estar saboreando uma deliciosa maçã. Ou então alguém ser capaz de tomar um gole de água e ficar completamente embriagado, cruzando as pernas e não conseguindo articular uma única frase, já que seu cérebro e sua mente parecem acreditar que ele realmente tomou uma forte bebida alcoólica.

Porém, um dos mais instigantes fenômenos da Hipnologia é aquele em que a pessoa é induzida a acreditar que a ponta de um cigarro é encostada em seu braço, enquanto o hipnólogo encosta apenas a ponta de seu dedo indicador. Nessas experiências, além de sentir a dor da queimadura, em vários casos, costuma aparecer na pele da pessoa uma marca de queimadura, similar a de uma ponta de cigarro. Em suma, como a queimadura foi provocada? De onde veio essa energia capaz de fazer com que a pele mude de forma, como se, de fato, a pessoa tivesse sido queimada?

O fisiologista australiano Sir John Eccles (1903-1997), ganhador de um prêmio Nobel em 1963, parece ter sido um dos poucos médicos a acreditar no poder da mente e sua capacidade de manipular a matéria. Pouco se sabe do nosso poder mental e da nossa capacidade de intervir nos campos energéticos dos objetos materiais pelo pensamento, algo que parecia fazer o paranormal (ou ilusionista) israelense Uri Geller (1946- ), em meados da década de 1970, o italiano Roberto Setti (1931-1985) que se tornou famoso pela materialização de objetos preciosos em suas sessões mediúnicas ou, hoje em dia, o líder espiritualista da Índia, Sai Baba (1926- ).

Mas não há necessidade de nos estender mais sobre a Hipnologia e a paranormalidade, já que apresentamos exemplos suficientes para demonstrar como a crença cega nas percepções e nas

sensações é uma grande ilusão, uma puerilidade científica, ainda mais agora com os dados trazidos pela Física Quântica e outras ciências congêneres, como a Neurociência e a Biologia Molecular se avolumando e não podendo mais ser contestáveis por razões ideológicas.

A partir dessas reflexões, podemos nos perguntar: se o mundo material não passa de uma realidade imaginária, que existe apenas em nosso cérebro (e não fora), o que estamos fazendo aqui?

## Objetivos

Em 1996, após ter concluído meu mestrado na Faculdade de Educação da USP, no qual estudei a relação entre o sentimento topofílico (ou seja, a afeição pelo espaço vivido) e a memória, passei a me interessar pela elaboração de um programa de ação sócio-cultural que enfatizasse o (re)envolvimento humano. Em outras palavras, interpretei que, do ponto de vista mítico, o envolvimento está relacionado diretamente com o mito de Ananke, ou seja, com a *necessidade*. É este arquétipo platônico que cria os laços inexoráveis que temos com a família consanguínea e com o espaço vivido. Como afirma Hillman (1997), nem Zeus e Prometeu conseguem vencê-la.

Por outro lado, o (des)envolvimento é um processo saudável de crescimento e de auto-realização. Sem esse processo, uma borboleta não sairia de seu casulo, por exemplo. Porém, levado ao extremo, como parece acontecer no chamado mundo moderno, este (des)envolvimento se torna também (des)almado e, neste processo de (des)identificação com a própria alma (*anima* ou *self*), acelera um processo de (des)ânimo e (des)amor com o mundo circundante, criando uma relação egoísta com o meio, uma relação meramente instrumental e mercadológica.

É este processo de (des)ânimo e (des)amor que nos interessa no momento, uma vez que o mundo circundante não passa de um vasto campo de vibrações e oscilações energéticas. Como afirmou Heisenberg (1990, p. 23):

Todas as partículas elementares são compostas da mesma substância, isto é, energia. Constituem as várias formas que a energia deve assumir a fim de tornar-se matéria. (...) energia não é apenas a força que mantém o 'todo' em movimento contínuo; é também – como o fogo da filosofia de Heráclito – a substância fundamental de que é feito o mundo. A matéria origina-se quando a substância energia é convertida na forma de uma partícula elementar. (...) As partículas elementares são, pois, as formas fundamentais que a substância energia deve assumir a fim de converter-se em matéria (...).

Com base nessa reflexão tão contundente, nosso objetivo é discutir alguns pontos cruciais:

1 – através do processo de (des)envolvimento humano, cria-se numerosas formas materiais ilusórias, mas qual é a atitude (ação interior sentimental) que move esse processo, o amor ou o egoísmo?

2 – Em um processo de (re)envolvimento humano, o que é mais importante? Criar realidades materiais ilusórias ou favorecer uma mudança de sensibilidade (metanóia) que seque o egoísmo para que possa desabrochar, em seu lugar, o amor universal?

3 – É qual o mais adequado processo sociagógico ou sócio-educativo para se atingir esse fim, ou seja, a metanóia?

## Referencial teórico e metodológico

Já salientamos que todo e qualquer corpo material deriva de uma única fonte energética. Apesar de parecer uma conclusão bombástica, é exatamente o que os místicos do mundo inteiro já sabiam, intuitivamente. Estaríamos, portanto, diante do *prâna* dos hindus, do *baraka* dos islâmicos, do *chi* dos taoistas, do *fluido cósmico* dos espiritistas? Enfim, o que é essa energia primordial capaz de produzir todas as formas materiais que conhecemos e de onde ela provém?

Como afirmou Heisenberg (1990, p. 14):

Nossos conceitos intuitivos de espaço e de tempo podem ser aplicados somente àqueles fenômenos que envolvem pequenas velocidades com respeito às velocidades da luz. Inversamente, os bem conhecidos paradoxos da teoria da relatividade baseiam-se no fato de que fenômenos que envolvem velocidades próximas a da luz não podem ser adequadamente interpretados de acordo com o nosso conceito normal de espaço e tempo.

Diante do quadro acima, o autor decreta a morte do materialismo (HEISENBERG, 1990, p. 20):

Semelhante caráter da teoria quântica já torna difícil seguir inteiramente o programa da filosofia materialista e descrever as menores partículas de matéria, as partículas elementares, como a realidade verdadeira. À luz da teoria quântica, tais partículas elementares não são mais reais no mesmo sentido que os objetos da vida cotidiana, árvores ou pedras, mas se apresentam como abstrações derivadas da matéria real da observação, no verdadeiro sentido. Mas, se se faz impossível atribuir às partículas elementares tal existência no sentido mais genuíno, mais difícil ainda se torna considerar a matéria como ‘verdadeiramente real’.

Assim, um livro, uma escola ou mesmo uma floresta não passam de um aglomerado de átomos. Porém, não enxergamos energia, que é a essência da matéria, mas sim diferentes objetos materiais. E acreditamos que eles realmente existem graças aos cinco sentidos que funcionam como “antenas” capazes de captar as diferentes ondas energéticas que nos circundam e levá-las ao cérebro para serem decodificadas nas diversas formas perceptíveis (visuais, auditivas, olfativas etc.) que somos capazes de criar.

Atualmente, a Parapsicologia já comprovou que muitas pessoas são capazes de criar e vivenciar outras percepções, além daquelas que as pessoas normais criam e vivenciam. Há aquelas que, naturalmente, e sem a necessidade de consumir substâncias alucinógenas ou ter problemas mentais são capazes de ver e interagir com as chamadas “realidades paralelas”, ouvindo e vendo *espíritos* ou saindo espontaneamente do corpo (ou seja, realizando as chamadas “viagens astrais” ou “desdobramentos”, fenômenos relatados desde a Antiguidade). Estes fenômenos também costumam ser vivenciados por quem costuma passar pela EQM, a “experiência de quase morte”.

O dado mais significativo nestes depoimentos é a total relatividade do espaço e a total dependência do chamado mundo material em relação ao mundo invisível, chamado de “astral” ou de “espiritual”, por várias filosofias espiritualistas. Além disso, nesse “outro mundo”, o que

realmente vale é a quantidade de amor emanada por cada um de nós. Não importa, do “outro lado”, se construímos prédios, escolas, hospitais, jardins, favelas ou qualquer outra coisa material. Também não importa se somos médicos, artistas, professores, lixeiros ou jogadores de futebol. O importante é o amor vivenciado em cada ato, em suma, a energia amorosa emanada em cada ação praticada.

As descobertas da Física Quântica e ciências congêneres, além dos relatos estudados pela Parapsicologia nos aproximam dos ensinamentos de Buda, para quem as formas materiais eram ilusórias e, conseqüentemente, também todas as percepções, sensações, emoções e formações mentais que geram apegos ou aversões às formas impermanentes. Para o Buda, são os apegos e as aversões que manifestamos às realidades ilusórias as raízes do sofrimento e, conseqüentemente, os responsáveis pela não vivência do que temos de mais sagrado em nossa alma: a Felicidade.

### **. Principais pontos tecidos na pesquisa**

A sócio-antropologia do cotidiano define este como sendo o fruto da dialética entre a rotina e o acontecimento. E como é possível estudar o cotidiano sem levar em consideração acontecimentos tão singulares como a pré-cognição, os casos de *poltergeist*, a clarividência, a psicografia, as aparições de mortos etc. Independentemente da interpretação, “espírita” (tais eventos seriam causados pela intervenção de uma consciência desencarnada ou incorpórea) ou “animista” (causados pela energia psíquica ou mental do próprio paranormal ou sensitivo), não temos como ignorá-los. Vários parapsicólogos já comprovaram a existência de tais fenômenos. Joseph Murphy (1898-1981), por exemplo, foi um estudioso do psiquismo humano que nunca acreditou na possibilidade dos mortos se manifestarem e descreve em seu livro *Telepsiquismo* a materialização de um “espírito” em uma sessão espírita que participou com outros cientistas. Ele afirma que o grupo de estudiosos mediu a pressão do “espírito materializado” e cortou fios de cabelos do mesmo que se desmaterializaram três dias depois.

Sua interpretação para o fato é animista, ou seja, ele afirma que a materialização foi fruto da forma-pensamento emitida pela filha da mulher morta em contato com o ectoplasma emanado pelo corpo do médium. Não nos interessa, nesse momento, aprofundar essas duas teorias, mas enfatizar que tais acontecimentos além de não poderem ser ignorados no estudo da vida cotidiana (aliás, em muitos casos, eles deixam de ser acontecimentos para se tornarem parte da rotina de muitos cidadãos, independente de seus valores culturais ou religiosos, poder aquisitivo ou grau de escolaridade), eles nos levam a pensar na existência de realidades paralelas ou de poderes mentais e psíquicos que podem modificar as formas materiais que fomos habituados, desde o nascimento, a tratar como sendo uma realidade imutável e sólida.

Não podemos mais ignorar que o século XX não só se caracterizou por um avanço tecnológico jamais concebido pela imaginação humana; paradoxalmente, ele também decompôs com o rigor da ciência a materialidade do mundo. E esse processo possui conseqüências filosóficas profundas, ou seja, comprovando-se que a matéria deriva de uma única fonte energética, é possível ainda pensar que a consciência é um epifenômeno da matéria? Ou será que ela possui existência própria, podendo, inclusive, pré-existir e continuar existindo independentemente de seu ligamento a um determinado corpo físico ou a um cérebro?

A segunda hipótese é cada vez mais consistente, já que o mundo material é destituído de qualquer substância material. Em outras palavras, ele se assemelha ao *maya* das filosofias orientais. Nele não há textura, padrões, beleza ou fragrância. Tudo não passa de criações do significativo, mas limitado, criador de realidades materiais: o cérebro.

Nesse sentido, parece que o mais importante nesse Universo de energias que se manifestam através do desenvolvimento de infinitas formas materiais que não passam de realidades imaginárias, não é o que fazemos (atos materiais), mas, justamente, como dele participamos (atitudes sentimentais). Em suma, o que ensinam há milênios as filosofias perenes do Oriente.

Os ensinamentos budistas afirmam que sofremos sempre que temos apegos ou aversões a qualquer coisa impermanente do mundo ilusório. Por sua vez, os hinduístas ensinam que o sábio é aquele que vivência com equanimidade as vicissitudes positivas e negativas da vida ilusória. E os mestres taoístas estimulam em seus discípulos o agir desinteressado e amoroso em todas as situações da vida, para que sejam, sempre, benevolentes, indulgentes e capazes de perdoar toda e qualquer agressão ou ofensa recebida. Estes devem sempre caminhar junto com o Tao, a força que move esse mar de energia, e nunca em oposição a ele, evitando, assim, desviar-se de seu percurso original.

### Conclusões

Como afirmou Heisenberg (1990, p. 69):

A matéria é composta de átomos com um diâmetro medindo aproximadamente um décimo milionésimo de milímetro. (...) (e o átomo) é formado de núcleos pequeníssimos carregados com eletricidade positiva, e é cercado de uma nuvem de elétrons negativos, com um numero tal que o todo é eletricamente neutro. A massa do elétron é de cerca de 1.800 vezes menor que o mais leve dos núcleos, ou seja, o núcleo do hidrogênio. (...) Os núcleos dos outros átomos são aglomerados compactos de prótons e nêutrons. (...) todas as propriedades físicas e químicas da matéria estão condicionadas por fenômenos localizados nas nuvens de elétrons; todos os processos radioativos, tanto naturais quanto artificiais, são fenômenos localizados nos núcleos dos átomos.

Não é por acaso que o pós-moderno, neste limiar de século XXI, parece ser o período que marca o recrudescimento da espiritualidade. Assim, se Mircea Eliade constatou que as civilizações primitivas (ignorantes e medrosas) foram vivenciadas pelo *Homo religiosus* e o mundo moderno (egoísta e autoritário) pelo *Homo Profanus*, a pós-modernidade prepara o terreno para o desabrochar do *Homo spiritualis*, aquele ser capaz de vivenciar com tolerância e amor universal as vicissitudes do mundo ilusório.

E o amor, por ser um sentimento infável, não pode ser descrito através de palavras. Somente quem já o sentiu é capaz de compreender o seu significado existencial profundo e entender quando algum poeta, sábio ou místico afirma que “Deus é amor” ou que “o amor é a energia que move o mundo”. Só esse sentimento é Real e capaz de (re)envolver os seres humanos, independentemente da forma fenomênica ou ilusória que esse processo venha a manifestar.

Assim, o processo metanóico de mudança de sensibilidade, que chamamos de animagogia, pode e dee ser realizado dentro ou fora da escola, em programas de educação escolar

ou não-escolar, enfatizando uma mudança de atitude, ou seja, onde o egoísmo cede espaço para o amor universal. Mudando-se a essência energética manipulada nesse processo, com certeza, a parte visível, a matéria, que não passa da ponta do *iceberg*, será, apesar de ilusória, mais agradável de ser vivenciada.

Em outras palavras, se não é mais possível resgatar o envolvimento das civilizações tradicionais, é possível superar o (des)envolvimento das sociedades modernas para que uma forma mais amorosa de (re)envolvimento humano se processe no Orbe terrestre, onde as diferenças culturais não mais sejam motivos de brigas e discórdias, mas motivo de enriquecimento da existência humanizada e prática do amor universal.

### Referências bibliográficas

HEISENBERG, Werner. *Problemas da Física Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1990 (2ª edição).

GIOVETTI, Paola. *Conhecer a parapsicologia*. São Paulo: Paulus, 1994.

HILLMAN, James. *Encarando os Deuses*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1987.

KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MARQUES, Adilson. *Nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui: sociagogia do (re)envolvimento e anima-ação cultural*. São Paulo: FEUSP, 2003 (tese de doutorado).

\_\_\_\_\_. *Fragmentos da história oculta de São Carlos e outros assuntos transcendentais*. São Carlos/SP: BN editora, 2007.